

O VIOLONCELISTA DE SARAJEVO

Paul Sullivan NA REVISTA HOPE [Esperança]

Por ser pianista, fui convidado a apresentar-me com o violoncelista Eugene Frisen, em um Festival de Violoncelos, em Manchester, na Inglaterra. A cada dois anos, um grupo dos maiores violoncelistas do mundo e outros admiradores desse instrumento desprezioso - fabricantes de arcos, colecionadores, historiadores - reúnem-se para uma semana de workshops, aulas com os mestres do instrumento, seminários, recitais e festas. E, todas as noites, os 600 participantes se reúnem para um concerto.

Na noite de abertura, no Royal Northern College of Music, a apresentação foi apenas de obras para o violoncelo sem acompanhamento. No palco dessa magnífica sala de concertos, havia apenas uma cadeira, solitária. Nada de piano, de estante ou de pódio para o maestro. Esse seria um concerto em que ouviríamos música para violoncelo em sua forma mais pura e intensa. A atmosfera exalava a expectativa de todos, e havia muita concentração e antecipação no ar.

Yo Yo Ma, violoncelista mundialmente famoso, era um dos que se apresentariam nessa noite de abril de 1994. E, em relação à música que tocaria, havia uma história comovente por trás da peça.

Em 27 de maio de 1992, em Sarajevo, uma das poucas padarias que ainda tinham estoque de farinha estava fazendo e distribuindo pão para as pessoas famintas, afetadas pela guerra.

As 16h, uma fila enorme estendia-se por toda a rua. De repente, uma bomba caiu bem no meio da fila, matando 22 pessoas e espalhando carne, sangue, ossos e estilhaços por toda parte.

Ali perto morava um músico de 35 anos, Vedran Smailovic.

Antes da guerra, ele era violoncelista da Ópera de Sarajevo, uma carreira de prestígio que, pacientemente, Vedran desejava retomar. No entanto, quando, de sua janela, ele viu o resultado do massacre, percebeu que aquilo estava além de sua capacidade de absorver e suportar a dor da guerra. Angustiado, resolveu fazer o que melhor sabia fazer: música. Música para o povo, música ousada, música em um campo de batalha.

Nos 22 dias seguintes, às 16h, Smailovic vestia seu traje completo de gala, o mesmo que costumava usar nos concertos. Ele pegava o violoncelo e deixava o apartamento em meio à batalha que assolava a cidade. Colocava uma cadeira de plástico ao lado da cratera que a bomba fizera e tocava o adágio de Albinoni em sol menor, uma das peças mais sombrias e melancólicas do repertório clássico, em memória dos que ali morreram. Ele tocava para as ruas abandonadas, os caminhões destruídos e os prédios em chamas, assim como para as pessoas aterrorizadas que se escondiam no porão enquanto as bombas caíam e as balas zuniam. E, com a alvenaria explodindo à sua volta, fez sua resistência, corajosa e inimaginável, em favor da dignidade humana, dos mortos na guerra, da civilização, da compaixão e da paz. Embora o bombardeio tenha continuado, ele nunca se feriu.

Depois que os jornais contaram a história desse homem extraordinário, um compositor inglês, David Wilde, ficou tão comovido que decidiu também fazer o que melhor sabia fazer: música.

Ele compôs uma peça para violoncelo, sem acompanhamento,

Violoncelista de Sarajevo, em que, em comunhão com Vedran Smailovic, derramou todo o sentimento de ultraje, amor e irmandade que sentia.

Yo Yo Ma tocaria O Violoncelista de Sarajevo naquela noite.

Quando Yo Yo Ma surgiu no palco, inclinou-se diante da platéia e sentou-se calmamente na cadeira. A música espalhou-se pelo ambiente, inundando o teatro silencioso e criando um Universo sombrio e vazio, ominoso e assustador. Aos poucos, a música transformou-se em um furor - agonizante e agudo e cortante - que cativou a todos nós, até que, por fim, cedeu ao estrondo cavernoso da morte para finalmente voltar a silenciar.

Quando terminou, Yo Yo Ma permaneceu inclinado sobre li violoncelo, e o arco repousava sobre as cordas. Ninguém no teatro moveu-se ou fez algum som por um longo tempo. Era como se tivéssemos testemunhado aquele massacre horripilante.

Por fim, Yo Yo Ma olhou para a platéia, estendeu as mãos e fez um gesto para alguém subir ao palco. Um choque indescritível varreu o ambiente quando percebemos quem fora chamado:

Vedran Smailovic, o violoncelista de Sarajevo.

Vedran Smailovic levantou-se e caminhou no corredor, enquanto Yo Yo Ma deixou o palco para abraçá-lo. Os dois envolveram-se em um abraço exuberante. Todos no teatro explodiram em um frenesi caótico e emocional- aplaudindo, gritando e levantando vivas.

E, no centro disso tudo, aqueles dois homens que se abraçavam e choravam sem reservas. Yo Yo Ma, um príncipe suave e elegante da música clássica, impecável tanto em sua aparência quanto em sua apresentação, e Vedran Smailovic, vestido com um conjunto de motoqueiro, de couro manchado e esfarrapado.

Este, com seus cabelos longos e um enorme bigode que emolduravam uma face aparentando mais idade do que tinha, seu rosto, vincado pela dor, banhado em lágrimas.

Todos nós fomos desnudados, e nossa mais completa e profunda humanidade emergiu pelo encontro com esse homem que bramou seu violoncelo para desafiar as bombas, a morte e a ruína.

O violoncelo era a espada de Joana D'Arc - a arma mais poderosa de todas.

Uma semana depois dessa apresentação, já de volta a Maine, toquei uma noite para os residentes locais de um asilo. Não pude deixar de comparar esse concerto com o esplendor daquele que testemunhei no festival. No entanto, a seguir, fiquei surpreso com as profundas similaridades. Com sua música, o violoncelista de Saravejo desafiou a morte e o desespero para celebrar o amor e a vida. E aqui estávamos nós, um coro de vozes ásperas e roucas acompanhadas por um velho piano, fazendo a mesma coisa. Não havia bombas ou tiros, mas a dor era real - a perda gradual da visão, a solidão arrasadora e todas as cicatrizes que acumulamos em nossa vida. Nós, porém, apenas alimentávamos as

memórias que serviam para consolar. Mas, mesmo assim, cantávamos e aplaudíamos.

Foi nesse momento que percebi que a música é uma dádiva que todos nós dividimos igualmente. Não interessa se a criamos ou se apenas a ouvimos, ela é sempre uma dádiva que pode nos confortar, inspirar e unir, em geral quando mais precisamos dela - e menos esperamos que ela seja a resposta.